



Lucas de Lima Rocha

# DARK SIDE OF THE MOON

Inspirado pelo álbum homônimo de PINK FLOYD



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# **DARK SIDE OF THE MOON**

LUCAS DE LIMA ROCHA  
uma história inspirada por  
**DARK SIDE OF THE MOON**

PINK FLOYD

---

SÃO PAULO, JUNHO DE 2010

1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY LUCAS DE LIMA ROCHA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

---

# DARK SIDE OF THE MOON

## LUCAS DE LIMA ROCHA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



# **DARK SIDE OF THE MOON**

**LUCAS DE LIMA ROCHA**

# SILÊNCIO

Ouçá o silêncio. Isso mesmo, o silêncio: ouça com atenção o silêncio a sua volta. Não se preocupe com o âncora da televisão, com os barulhos da rua ou com os pequenos sons vindos dos mais diversos lugares. Preocupe-se apenas em prestar atenção no silêncio que percorre a sua volta. O silêncio, meu refúgio nas horas de dor, meu único amigo nos momentos mais difíceis da minha vida. Como matéria escura, o silêncio está sempre ali, perto de você, mas é ofuscado pelo som. Você nunca é bom o bastante para ouvir o silêncio. Mas faça um esforço: ouça. Preste atenção nos seus sons: ouça o bater de seu coração. Começa baixinho, mas vai aumentando. Tudo ao mesmo tempo. Os sons da rua se mesclam às batidas de seu coração de uma forma estranhamente ritmada. E isso é bom. É vida.

# SIMPLES ATO

Nasci assim, em meio ao barulho e ao silêncio. Minha mãe, uma mulher forte, deu apenas um grito durante todo o parto. O grito definitivo, aquele que me deu o empurrão final em direção a loucura desse mundo. Não pedi para nascer, mas nasci. E tudo começou com um ato: respirar. Uma ação um tanto quanto banal, é bem verdade, mas não posso dizer que seja simples. São milhares de células trabalhando incansavelmente em prol de uma coisa simples, mas essencial, sem a qual não poderíamos viver.

Fui enrolado em uma manta branca assim que limpavam o sangue de minha pele. Agora eram tudo correrias: escreve-se ali, carimba-se aqui, fura-se o pé, colhe-se o sangue, acalma-se a mãe, chupo-lhe o peito e bebo-lhe o leite.

Todo aquele vai-e-vem não me preocupava. Estava em paz, apesar de entrar em um mundo de guerra. Mamãe me abraçou forte, e eu me aconcheguei em seus seios. Pedi mais daquele líquido branco e doce. Ela me deu de bom grado, sorrindo, enquanto alisava minha cabeça mole e meus cabelos ralos. Foi a primeira vez que me senti seguro daquela forma.

– É lindo, não é? – mamãe perguntou, olhando para a enfermeira que estava de pé ao seu lado com um sorriso abrilhantado na face.

– Um dos mais lindos que já vi, moça. – ela respondeu, estendendo os braços. – Posso?

Mamãe deixou, sorrindo. A mulher pegou-me pelos braços, aninhando-me.

Encostou seu rosto no meu, sentindo minha pele virgem e lisa. Cheirou-me, os olhos fechados, inebriada com meu odor infantilmente doce.

– Fique aqui, certo? Vou levá-lo para fazer os exames de praxe. – disse a enfermeira.

A cabeça de mamãe aquiesceu. Ela estava tão apaziguada naquele momento! Não seria capaz de perceber nenhuma maldade no semblante daquela enfermeira. Nunca poderia crer que aquela mulher seria capaz de me enrolar em um amontoado de toalhas e me colocar dentro de uma sacola junto com seu jaleco sujo, e ainda comentar com o porteiro que aquilo ali estava fedido demais, e que pedia para ser lavado o quanto antes.

Não, ela nunca poderia imaginar isso.

## AOS SEIS

Agora era um moleque magricelo e baixinho, criado com amor dentro de uma casa especial, onde mamãe e papai me amavam mais do que a eles próprios. Faziam sacrifícios por mim: mesmo com o orçamento apertado, eram incapazes de me negarem um ou outro presente nas datas mais importantes. Quando fiz seis anos, ganhei de presente uma bicicleta completamente nova, daquelas que apenas os adultos tinham: era um pouco alta para meu metro e vinte, mas ainda assim eu era teimoso o suficiente para sentar sobre ela e tentar me equilibrar. Caí muitas e muitas vezes, mas me negava terminantemente a enfiar rodinhas nas traseiras. Era uma bicicleta única, com a qual fazia inveja a todas as crianças do bairro e do colégio.

Aventurava-me pelas ruas lamacentas da periferia com a tal bicicleta, embrenhando-me em matas esquisitas e saindo de lá sempre cheio de coceiras e mordidas de mosquitos. Mamãe sempre tomava aquelas mordidas por alergias, e logo estava preocupada, pensando em todas as doenças que o curso de enfermagem ensinara em outros tempos. Com mamãe era assim: eu não sabia por que, mas ela era protetora demais comigo.

## AOS VINTE E SEIS

Nossa, como tudo passa rápido! Mais do que eu julgava possível. Quando eu olho para trás, ainda lembro daquela bicicleta e daquelas mordidas. Hoje, além das lembranças, tudo o que restou daquele tempo foi um amontoado de metal enferrujado na garagem de papai. Nem parece que passou assim, nesse piscar de olhos. Mas enfim, aqui estou, com vinte e seis. E com medo. Finalmente terminei meu ensino superior – seis anos com o rabo sentado na cadeira de Medicina, mais dois anos de especialização e mais um de pós-graduação – e estou amedrontado. As palavras, na teoria, são lindas. Distorcidas como garranchos – afinal, são palavras de médicos – mas ainda assim lindas. Cortar cadáveres não é o pior dos ofícios, e, ainda assim, é seguro. Mas agora tratar de vivos é outra coisa. Cortar a cútis quando ela ainda sangra é um tanto quanto assustador. Meu coração bate forte e meus nervos ficam esquisitos.

É quando penso em silêncio. Não sei, mas o silêncio é bom para mim. Sempre vivi em meio a barulho – televisão, mãe e pai falando ou discutindo, vizinhos berrando – e sei que o barulho é que deveria fazer com que me sentisse em casa. Mas não era assim. Tudo o que queria, quando estivesse em uma mesa de cirurgia, era silêncio. Apenas eu e o paciente, em nossa conversa particular e telepática, onde ninguém deveria se intrometer.

Só assim conseguiria fazer as coisas funcionarem.

## O CHORO DA PERDA

Mamãe morreu em minhas mãos. Ninguém sabe como isso dói. Ter a vida dela ali, naquela mesa de cirurgia, e não ser capaz de agarrá-la. A vida efêmera como fumaça, esvaiu-se assim, de repente, com uma parada cardiorrespiratória. O acidente também não foi dos mais belos de se ver. A roupa imaculadamente branca de enfermeira tingira-se de vermelho e agora tinha cor de vinho com o líquido coagulado em suas cerdas.

E o sangue não queria parar de fugir de suas veias, artérias e capilares. Parecia rir à medida que escorria no chão e era sugado pelos panos dos meus ajudantes. E minhas mãos protegidas por luvas tentavam em vão suturar. Suavam por dentro do plástico, trêmulas.

Quando o aparelho de monitoramento cardíaco executou seu sinal contínuo de falta de vida, olhei para o relógio na parede. Malditos costumes. Ri de mim mesmo, olhando a hora exata da morte quando todos os outros olhavam para mim. Uma das ajudantes tinha os olhos vermelhos e chorosos, e só então parei para pensar: ela estava morta.

Minhas lágrimas caíram silenciosas. Mas não importava todo o silêncio que fazia naquele momento, eu não estava em paz.

# OS OLHOS DA DESCOBERTA

Papai me ligou uma noite. Fazia três dias desde a morte de mamãe, e nem eu e tampouco ele havíamos deixado a ferida cicatrizar por completo.

– Filho, eu... – ele tinha a voz dos anos embargada de emoção. Era dor misturada a solidão e talvez um pouco de tristeza. – Sua mãe era uma mulher muito especial, meu filho. Muito especial.

– Eu sei, papai... – eu disse, tentando não me lembrar daquele par de olhos pulsantes ou daquele sorriso extremamente terno e branco. – Ela foi a mulher mais decente que eu já conheci, papai...

– Filho, ela... ela queria muito te contar uma coisa, mas ela... ela não, não conseguiu. – ele agora falava de um modo estranho, como se toda a dor que sentia fosse apenas o início de uma maior e mais avassaladora, que se instalaria em seu peito por muito mais tempo. – Ela não... ela queria te contar que ela... que ela não podia ter filhos.

– O que está dizendo, papai? – perguntei, franzindo o rosto. – O que tem demais nisso? Eu sei que ela fez a laqueadura depois que me teve, apesar de não ser permitido fazer com apenas um filho, mas ela não queria mais nenhum e conseguiu um jeito...

– Não, filho, você não está entendendo! – ele agora gritava e chorava ao mesmo tempo, em um ataque que beirava o histerismo. – Ela não podia ter filhos. Nunca pôde.

Raciocinei um pouco lentamente, mas numa velocidade satisfatória para um aluno formado com excelência em Medicina.

– Então isso quer dizer que sou adotado? – perguntei, já pensando os prós e os contras da remota possibilidade. – Isso... papai, isso não é tão ruim. Ela... ela me adotar, sabe? Não se preocupe com isso, vocês me criaram bem demais para que eu soubesse que ser adotado não é a pior coisa do mundo. É muito melhor do que ficar por aí, jogado em orfanatos!

– Não, filho, não! – ele gritou ainda mais alto, tentando clarear meus pensamentos. – Você não é nosso filho, e também nunca foi adotado!

– Então o quê? – perguntei, dando-me por vencido.

Ao mesmo tempo em que pensei na horrível possibilidade que adentrou meus pensamentos sorrateiramente, papai a confirmou.

– Você foi roubado.

Naquele momento meus olhos arregalaram-se como nunca antes. Não via as luzes da televisão muito bem: eram tudo borrões. Minha cabeça trabalhava a mil, tentando negar aquela informação que insistia em passear pela minha cabeça. As cores da televisão pareciam uma viagem alucinógena, e aquela informação só me fez crer ainda mais que estava em um sonho criado por alguma pastilha de LSD ou semelhante.

Já havia presenciado isso pelo menos umas três vezes no hospital onde trabalhava: mulheres se faziam passar por enfermeiras e levavam as crianças das formas mais criativas possíveis, deixando as mães com os peitos duros de leite e os corações murchos de desilusão. Mas eram as outras. Não minha mãe. Não minha mãezinha, aquela que se preocupava com as mordidas de mosquito

em meus braços e ralhava comigo sempre que chegava com um novo arranhão por cair da bicicleta; não a mãe que deixava de fazer as unhas para me dar dinheiro para comprar balas ou outras besteiras. Não ela.

– E quem é... quem é minha mãe? – perguntei. Aquilo tudo era surreal demais para mim.

– Sua mãe, a sua mãe adotiva... – disse papai, tentando tornar suas palavras menos confusas. – ela guardou o nome da sua... sua mãe biológica, e também o endereço da casa em que ela morava na época em que você nasceu. – ele parou de falar, e percebi que os sons de seu nariz tomavam conta de todo o diálogo.

– Eu tenho que vê-la, papai...

– E-eu sei filho, é... é um direito seu. Venha para casa. Eu faço questão de ir com você.

# CASA, A VERDADEIRA

Resolvemos chegar sem dar avisos. Papai conversou com alguns vizinhos das redondezas e perguntou pela mulher a qual eu teria de aprender a chamar de mãe. Eles disseram que ainda morava lá, e que era uma mulher muito sozinha e reclusa: passava os dias e as noites sentada em frente à TV ou tricotando alguma coisa, e tinha também uma filha que a visitava com certa regularidade, mas que, fora isso, não tinha ninguém.

Chegamos de manhã. Demos logo de cara com uma casa simples e pequena, com um belo jardim na frente. Grama verde e alguns crisântemos plantados com cuidado. Seguimos pelo caminho de pedras colocado entre o jardim. Não sabia muito bem o que sentia naquela hora, então não sei se saberei transcrever as sensações com tanta fidelidade: sei que era uma mistura de medo, amor, ansiedade, nervosismo e curiosidade. Não sei se é possível sentir tudo isso ao mesmo tempo, mas era o que sentia. Ouvia os sons da rua de forma diferente; ouvia homens rindo em meu ouvido, carros passando velozmente na rodovia principal, a respiração de papai e meu coração palpitante. Era estranho estar ali, na frente de uma casa desconhecida, para conhecer uma mulher desconhecida. Aprender a chamá-la de mãe não seria fácil.

Apertei a campainha com receio, e não esperei muito tempo para ouvir o som de chinelos arrastando no chão.

Ela abriu a porta, e a primeira coisa que vi foram seus olhos. Dois globos

amendoados como os meus, belíssimos e brilhantes. Não importava tudo o que ela havia sentido ou sofrido durante a vida: quando se olhava naqueles olhos, tudo ficava bem novamente. Era como se... como se eu estivesse em casa. Era isso. Me senti em casa.

– Pois não? – ela perguntou, com a voz rouca. – O que querem, senhores?

Tentei falar alguma coisa, mas me surpreendi quando percebi que minha voz não queria sair. Apenas continuei ali, parado como um idiota, encarando-a. A mulher (não a mulher, minha mãe). Minha mãe franziu o cenho, curiosa.

Foi papai (não papai, o homem). Foi o homem ao meu lado que teve coragem de falar.

– Moça, ele... ele é o seu filho.

Os olhos dela se estreitaram ainda mais. Assim, sem avisos ou conversas preliminares, um estranho bate na sua porta e fala que é seu filho? Eu também não acreditaria naquilo se não estivesse vivendo naquele momento.

– Ora, vocês não devem ter muito mais o que fazer, não é, seus imbecis? Me admira o senhor – disse, olhando para papai (ou o homem, tanto faz). – um homem quase tão velho quanto eu, brincando com as feridas dos outros! O que vocês querem? O golpe da aposentadoria ou o quê?

– Senhora, me escute! – gritou papai, segurando a porta antes que a mulher pudesse fechá-la em nossa cara. – Eu estou falando a verdade! E nós não precisamos de dinheiro, meu filho é médico, tem seu próprio salário!

Aquela mulher que agora era minha mãe olhou de papai para mim. Ficamos em silêncio, mas parecíamos conversar como velhos amigos. Ela viu nos meus olhos os olhos dela mesma, mas parecia não querer se convencer.

– Por quê? Por que agora? – ela perguntou, sussurrando e desviando o olhar.  
– Por que brincar assim com o coração velho de uma mulher velha?

Parecia falar com alguém que não nós. Alguma força superior. Deus, talvez.

– A senhora parece estar cansada... – papai disse. – Amanhã nós voltaremos.  
Então explico tudo com mais calma.

Ela não disse nem sim nem não. Apenas voltou para o seu sofá assim que fechou a porta.

Eu também não disse nada. Apenas fiquei ali, olhando para a porta, estático como um imbecil, querendo falar tudo, mas sem conseguir verbalizar nem ao menos um “oi”.

E assim fomos embora dali, pretendendo voltar no dia seguinte, quando todos estaríamos mais calmos.

No dia seguinte, ela estava na mesma posição em que fora deixada. Sentada no sofá, a televisão ligada na Globo, as agulhas de tricô nas mãos. Os vizinhos sequer perceberam alguma diferença, afinal, era assim que ela ficava todos os dias.

Só descobriram que estava morta quando chegamos lá. Foi uma confusão dos diabos.

## AOS SETENTA E SEIS

Então chegamos ao presente. Ao lugar onde estou agora, sobre essa escrivainha carcomida pelos cupins, nesse quarto bolorento e cheio de infiltrações. Não fui um médico de sucesso ou de renome. Na verdade, minha última cirurgia foi a da mulher que me roubou na maternidade. Agora nem mesmo sei se devia ter chorado sua perda. Como chorar a perda de uma criatura capaz de fazer o que ela fez?

Algumas vezes, quando deito minha cabeça no travesseiro, penso sobre tudo o que aconteceu comigo. E tudo o que está aqui dentro desse cérebro velho parece pedir para sair. É por isso que escrevo. É uma história como tantas outras, com um quê de drama a mais. Mas não ousou dizer que é a mais dramática de todas. Já li livros muito mais emocionantes, escrito por pessoas muito menos sofredoras. Não sei, acho que histórias reais podem até ser dramáticas, mas nunca conseguirão barrar a criatividade de um bom escritor.

Rabiscando essas páginas, percebo que setenta e seis anos não demoram tanto assim. É tempo demais quando olho para frente, mas rápido demais quando percebo que tudo já passou. E o que me resta é esperar até o dia em que fecharei meus olhos para sempre. Pode demorar muito, mas, na hora em que chegar, vou perceber que não demorou tanto assim.

Por enquanto fico aqui, esperando esse momento inoportuno chegar. Esperando no silêncio, esse silêncio que me dá tanta paz.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)